

Tendências econômicas para 91

FRANCISCO J. F. BARBOSA

Tendência em economia, como se sabe, é sempre o resultado dos fatores que a condicionam e que com ela evoluem. No médio prazo, entre as principais condicionantes estão os desequilíbrios da fase anterior. Fatores novos, externos ou internos interferem, porém, concorrendo ou se somando ao peso do desequilíbrio. É com esse enfoque que vemos 1991.

O principal desequilíbrio na economia brasileira em 1990 foi a desarticulação do processo produtivo. Hoje há recursos ociosos e mal-estar de muitos porque os investimentos foram drasticamente reduzidos. Os fluxos de produção de matérias-primas estão desequilibrados. Está diminuída, assim, a eficiência da criação de riquezas. Os estoques de produtos e de matérias-primas estão baixos demais, propiciando situações de descontinuidade de fabricação e desabastecimento.

Ainda há um volume de procura de produtos e de serviços adiado pelos consumidores, a ser efetivado logo que o emprego se estabilize e volte a crescer. Há descompasso entre custos e preços, confirmado pelos balanços parciais das empresas. Há reposições salariais a ser feitas. Há desarranjo nas contas dos governos.

Predomina a perspectiva pessimista — acentuada pela guerra no Golfo — conduzindo as decisões econômicas, que deverá se desfazer com a retomada das vendas. Está em andamento um processo de fuga ao endividamento e de aumento de poupanças financeiras, com tendência a elevar a liquidez e a reduzir os juros reais, coincidindo com o desabastecimento, e capaz de alimentar processo de estocagem especulativa.

O dólar desvalorizado e o pessimismo estão estimulando exportações, complicando o abastecimento interno. Com certeza, esse é um quadro inflacionário mais complicado que o herdado por Collor. Porém, aquecedor.

A reposição de estoques e os aumentos das exportações estabilizarão o emprego, voltando as demandas adiadas, que dinamizarão vendas, promoverão aumento de produção e darão espaço para reposições salariais. Juros baixos desestimularão poupança.



ESTADO DE SÃO PAULO 20 JAN 1991

Ouvi, de pessoa bem informada, antes da posse de Collor: sua assessoria entendia que o "povão" considerava a inflação o problema número um. Por isso, seria atacada com duro golpe, porque a meta era vencer as eleições. Mas problema número um da maioria não é inflação. É recessão. É o empobrecimento que a recessão traz. Inflação só é número um enquanto há expansão. Como havia na eleição. A assessoria estava errada. Collor perdeu porque fez recessão. E que recessão! Fizemos recessão contra inflação. Ficamos com as duas. Recessão leva ao quadro que pintamos. Cria condições expansionistas. E inflacionárias.

Recessão americana, guerra do Golfo e novos planos do governo poderão interferir. A recessão americana será curta e branda. Assim sinalizam suas taxas de juros reais baixas. O dólar desvalorizado em relação às demais moedas fortes torna a economia americana mais competitiva e, também, as exportações brasileiras.

As consequências da crise do Golfo serão proporcionais à sua extensão. Podem inflacionar e nos empobrecer um pouco, pelo aumento do preço do petróleo, pela escassez de algumas matérias-primas industriais, por desencadear processo estocador. Mas tem aspectos aquecedores. Induzem investimentos em energia e matérias-primas alternativas, requebrem esforço exportador adicional para criar mais divisas e produção que atenda à demanda estocadora (estocagem; depois, será problema). É claro, um conflito amplo poderá complicar o quadro.

De novas decisões de política interna desestabilizadoras, não estaremos livres. Já as assistimos neste começo dos anos 90. Portanto, o mais provável é que esses três fatores atrasem ou apressem a tendência que os desequilíbrios internos tenderão a induzir.

Um número: 4% ou mais positivos na variação do PIB. Talvez a crise nos ofereça prêmio: um corte drástico no setor público que, para carregar, tanto nos têm feito sofrer, considerada a qualidade dos serviços e investimentos que oferece. Esse corte será fundamental para conter a pressão inflacionária latente. Mas o farão?

□ Francisco J. F. Barbosa é analista de investimentos do Citibank